

Assim como n'essas aguas turvas pescam muitos a approvação do que ninguem sonhou que viria a approvar, tambem eu espero pescar n'ellas leitor e applauso, que são os mais saborosos peixes dos rios e mares em que nos é permittido lançar anzol ou rede, como diria discretamente o nosso muito honrado patricio o sr. visconde de Laborim.

Este prefacio, se fosse mais longo, não prestava. As cortezias são nas touradas o primeiro acto, mas de curta duração. Agora, que estão feitas segundo as melhores regras da arte, apuradas pelos Sedvens litterarios da península, começarei a viagem com a ajuda de Deus, como dizem sempre os provençaes, e com o favor do proximo.

Assim como n'essas aguas furtivas...
 e approvado...
 e approuar...
 e approuar...

II

*De como nem todos podem sair de Paris
 na hora que lhes convém*

Sair de Paris para viajar um mez ou dois—um
 par de mezes, dizem os hespanhoes—parece cousa
 facilima. É tirar passaporte, fazer a mala, metter-se
 com ella em uma carroagem, partir para o caminho
 de ferro, tomar bilhete, registrar a bagagem, com-
 prar o jornal da tarde, escolher wagon, e esperar
 pelo assobio que dá imprevistamente á locomotiva
 ordem de marchar. Pois enganam-se. O caso é mais
 grave do que parece.

Todos os habitantes de Paris teem contas maiores
 ou menores no alfaiate, no sapateiro, no *camizeiro*,
 no chapeleiro, e em outros dignos e estimaveis for-
 necedores do que cada qual necessita. Esta regra é
 geral desde sua magestade Rothschild n até ao

servo de Deus que está escrevendo estas linhas. Exceptuam-se os enriquecidos de novo, que receiam se lhes não saiba da riqueza. Esses até pagam adiantado, e o fornecedor desconfia d'esta pontualidade, e não os serve melhor.

Ora o credor parisiense, apesar do que d'elle pôde contar algum habitante de Clichy, é o mais bonacheirão e cortez entre quantos credores existem sobre a terra. Espera um anno sem pedir, no seguinte manda de vez em quando a conta, e se no terceiro lhe dão a terça parte, fica muito satisfeito — e talvez pago. — Tarde volta a incomodar o freguez. O credito, já se sabe, vai sempre correndo, como um limpido regato sem solução de continuidade.

O credor limita-se a passar diante da porta do devedor de mez em mez, e a pedir novas da sua saúde ao porteiro da casa. Este informa tambem da alta ou baixa dos fundos do inquilino, e, segundo a informação, assim o credor se resolve a subir a escada ou a adiar a requisição de pagamento. O porteiro, por via de regra, favorece os credores, e gosta de humilhar o devedor, com quem raro é não ter tido seus dares e tomares, e em occasião de viagem não se esquece de prevenir os interessados. Que a ausencia seja de quinze dias ou de um mez, que o devedor vá a Bade ou Vichy, a Marselha ou a Strasburgo, a Genebra ou a Turin, a Amsterdam ou a Madrid, o credor acode logo a ajustar as suas contas, e a pedir o pagamento integral.

A idéa que lhe passa pela cabeça é de bancarrota e fuga. Toca a campainha. Se lhe abrem logo, se na sala da espera não ha mudança e se por uma porta aberta vê os trastes de outra sala no seu lugar, passa-lhe o primeiro susto, e quasi sempre consente em esperar pela volta do viajante; porém, se a quantia é pequena, ou se qualquer circumstancia lhe inspirou desconfiança, é mais inexoravel do que Minos.

O viajante que tem o dinheiro indispensavel para as despesas do caminho começa a dar 40 francos para a direita, 28 para a esquerda, 52 a um, 74 a outro, 17 a este, 39 e 50 centimos a este outro, e acha-se com 250 francos e 50 centimos de menos, isto é, obrigado a demorar a viagem por falta de dinheiro.

A culpa desta suspeita indigna cabe a certos meninos que de vez em quando vão a Paris, usam e abusam do credito, e desapparecem pelo caminho de ferro em uma bella noite, sem conhecimento dos credores, a quem nem sempre mandam pagar. Por isso, viagem de estrangeiro e fuga são synonymos no vocabulario do credor parisiense, amestrado por experiencias repetidas.

Ora, eu tenho um porteiro que é a nata dos porteiros do seu tempo. Bebe os ventos pelos seus inquilinos, e desta ternura de cão cerbero cabem-me as mais suaves meiguices como habitante do primeiro andar. O credor que quizesse entrar no meu domicilio, em vespera de viagem, teria de esmagar

o porteiro antes de chegar com os dedos ao botão da campainha, e, se eu tivesse dividas das que os francezes chamão *criardes* ou assanhadas, poderia dormir descansado, como gato favorito no regaço de senhora, sem temer aquellas injurias que assaltavam o nosso Tolentino, mesmo dentro da sege a que elle chamou resto infeliz do terremoto.

Assim mesmo appareceu o meu serralheiro com ar espantado, e ainda mais espantado fiquei de o vêr, porque me não lembrava dever-lhe coisa alguma. Não eram essas as contas d'elle, e para logo me apresentou um rol de fechaduras e ferrolhos concertados, de arames de campainha e de não sei quantas cousas mais, no qual, depois de abatidas as sommas pagas, figurava eu ainda como devedor de 3 francos e 75 centimos. Paguei logo. O homem ficou socegado e disse com certo ar de afeição:

—O senhor volta?

—Faço essa tenção. Conto estar em Paris por todo o mez de abril.

—Ah! muito bem. Pois já sabe que eu estou sempre ás suas ordens. Olhe que não vim cá por causa desta bagatella!

—Essa é boa!

E foi-se embora muito contente, não por causa dos 3 francos, mas pela satisfação de não ser lo-grado.

Pude sair de Paris sem difficuldade, o que nem

a todos tem acontecido, mas não quiz deixar de apontar aqui o empecilho dos estrangeiros que desejam viajar, porque é uma especialidade da vida parisiense. O credor francez gosta de vêr o devedor, e disto se paga como se fosse dinheiro.

*Partida—Tours—Orleães—Angouleme—Bordeus—
—As Landes—Chegada a Bayonna*

Com effeito no dia 4.º de março, ás sete e meia horas da noite, sai de minha caza para o caminho de ferro de Orleães, e ás 8, tendo pago 85 francos e alguns centimos pela minha passagem até Bayonna e 45 francos de excesso de bagagem, comecei a sentir mover-se o wagon, primeiro lentamente, depois com maior celeridade, e afinal com a rapidez com que o vapor nos arrasta de um ponto ao outro, como se fossemos um fardo de algodão.

Aquí vinham a pello varias considerações ácerca do vapor e da sua applicação pratica; o nome de Fulton esse era de rigor, e a comparação das viagens antigas com as actuaes podia dar para dez paginas, todas copiadas de quantos livros de viagens

teem sido publicados ha annos a esta parte. Pois não caio nessa. O leitor acha tudo isso em qualquer gazeta, encyclopedia, dictionario ou livro que valha mais do que os meus escriptos. Escuso eu de lhe quebrar a cabeça e a minha com taes cantilenas.

Na carroagem em que entrei havia já uma senhora que, acompanhada por um tio, ia á Carcassona vêr a mãe gravemente enferma. Era uma burguezia de vinte e tantos annos, que mui socegradamente se accommodou em um canto, e pouco tempo depois tirou de um açafate presunto, gallinha, pão e uma garrafa de vinho, com que refocilou a lassa humanidade, como dizia o nosso Camões. Parece, segundo se dignou dizer-nos, que a parte telegraphica a tomára de subito á mesa, e que, para chegar a tempo ao caminho de ferro, nem tivera modo de acabar o jantar. Todavia, como diz o proverbio, «morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho», sempre foi trazendo no cesto com que acudir ás exigencias do estomago, sem prejuizo dos sentimentos filiaes.

O tio ainda era moço, e passára no Mexico os melhores annos da sua mocidade. A minha tez ultramorena fez-lhe suppôr que eu era hespanhol, e por mais que lhe disse que era portuguez, teimou em me fallar castelhano durante toda a viagem.

Quiz corresponder a esta importuna e desazada cortezia do meu companheiro de viagem, mas do pouco que eu dantes sabia da lingua de Cervantes, de Calderon e de Lope da Vega, mais de metade se

foi pelo rio do esquecimento abaixo, como peça de roupa que escapou da mão da lavadeira. Vi-me em calças pardissimas. Afinal, depois de ter gaguejado castelhano como qualquer inglez, voltei á lingua franceza, e encarniçadamente me entrincheirei nella até á nossa proxima separação.

O tio ajudou a sobrinha a dar cabo do presunto e da gallinha, sempre dizendo que não tinha vontade de comer, e depois de me soprar as ultimas rajadas de castelhano bastardo com acompanhamento forçado de *caramba, por Dios, e por supuesto*, adormeceu na paz do Senhor, e por signal que roncava como a barra do Porto em noite de tempestade.

Havia na carroagem mais dous viajantes, um bem apessoado e trajando quasi com elegancia, o outro vestido com a maior simplicidade, porém dando mostras não equivocas de exercer o commercio, como o outro as manifestava de pertencer á classe de commerciantes que em Pariz se chamão *commissionaires*.

O elegante lia um numero da *Opinião Nacional*, o seu visinho percorria as columnas da *Patria*, e eu lia a *Marqueza de Villemer*, ultimo e admiravel romance do primeiro prosador francez, que se chama M.^{me} George Sand.

Cada um delles interrompia a cada passo a leitura do outro, e ambos a minha, com exclamações ácerca dos discursos pronunciados no senado por Mr. de la Rochejaquelein e pelo barão de Heckerens a fa-

vor do Papa, do rei de Nápoles e dos príncipes italianos desthronados. Aquelles deus oradores foram tratados desapiedadamente pelos taes publicistas improvisados. Um lembrava que la Rochejaquelein desertára do partido legitimista para ser senador de Napoleão, e que, tendo seguros os 30:000 francos de ordenado, agora se fazia no bordo antigo com o santo e com a esmola. O outro dizia do barão de Heckerens todo o mal que lhe vinha á idéa, e accusava-o deshumanamente de infiel á politica imperial, que tanto o favoreceu.

—Estes discursos contra a politica do governo,— exclamava o elegante, que se dava por liberalão nos ossos,— não deviam ser permittidos. É uma pouca vergonha!

—Ó homem! «retrucava o outro;» deixe fallar quem falla. Não tenha receio. A verdade anda á tona da agua, e o combate de opiniões diversas é que a traz á superficie.

—Isso tambem é verdade. Bom é que o publico saiba o que tem nestes senhores. Que marotos!

—Olhe o governo se mandou supprimir a pastoral do bispo de Poitiers! Não tenha medo. Deixou-a circular, e fez bem.

Assim foram altercando e lendo cada um o seu jornal, até que, chegando ao discurso de Mr. Pietri, antigo prefeito de policia, cuidei que se abraçavam e beijavam de contentamento. Naquelle mesma hora da noite estava talvez algum legitimista bem-

dizendo os dous primeiros oradores, e dando ao demo o terceiro, com grande magoa de que o diabo lhe não accitasse logo o presente! Assim é o mundo. Cada louco com sua teima.

Em Tours e em Orleães comemos muito á pressa alguma cousa, e tão atrapalhadamente o fiz eu, que só muito mais tarde é que me lembrei do bispo de Tours, S. Martinho, cuja vida se encontra em todos os *Flos Sanctorum* existentes, e de Mr. Dupanloup, chefe da cruzada catholica contra o governo francez, membro da academia, e bispo de Orleães.

Haverá quatro annos assisti eu ao sermão da festa de S. Martinho em uma igreja de aldêa perto do Melun. O prégador exaltava a caridade do santo que o persuadira a cortar com a espada metade da capa para dar a um pobre, e pronunciava com emphase o texto da Biblia: — *Cum videris nudum, operi eum*. Se vires um homem nú, trata de o vestir.

Á porta travessa da igreja estava um pobre a quem não escapava palavra do sermão, e quando o prégador chegou a esta passagem, o bom do mendigo disse para outro que lhe estava perto:

— Mau prégador! muito mau!

— E porque? volveu-lhe o collega. Eu tenho gostado.

— E eu não. Olhe que maravilha! dar metade da capa em vez de a dar inteira!

— Mais vale isso que nada!

— Sim, sim. Eu estou vendo que o cura este anno

me dá só meia palhoça em vez de uma, que me dava todos os annos. Elle não ha de querer ser mais generoso do que S. Martinho.

E tão anojado se foi pondo com o sermão, que sahiu da porta da igreja e foi sentar-se no sitio mais distante do adro á espera do fim da funcção, a vêr se os que della sahisses lhe queriam dar metade de um soldo em vez de um soldo inteiro!

Até no animo deste mendigo os interesses profanos valiam mais do que a caridade christã que lhe não enchesse as medidas da ambição! Triste exemplo das fraquezas humanas, e de quanto é mister combate-las com prudencia e não á viva força como gosta e costuma o bispo de Orleães.

Por mais que me queira demorar com a questão do poder temporal do Papa, de que mr. Dupanloup é encarniçado campeão, não me consente a velocidade do trem que, atravessando rapidamente um tunnel, me mostrou na montanha, atravez da qual a arte soube abrir caminho, a pequena villa de Angoulême, que emprestou o nome para o titulo de duque de que usava o heroe do Trocadero.

Como o tempo corre depressa! Ainda hontem era rei em França Luiz xviii com as pernas podres, a andar de carrinho nas Tulherias, sempre com alguma cousa desagradavel na ponta da lingua para quantos se aproximavam d'elle, excepto M.^{me} du Cayla, e mofando de tudo e de todos com a boa vontade, mas sem a força de Voltaire.

E o pobre rei foi já acabar de apodrecer em S. Diniz, e M.^{mo} du Cayla, e o conde de Artois, e o duque de Berry, e o d'Angoulême, e a duqueza, e o ultimodos Condés, e o duque de Orleães, todos desapareceram. A França consumiu em trinta e tres annos duas raças reaes! A republica, essa não chegou nem para tres annos da insaciavel voracidade do Minotauro!

Neste caminho para Bayonna, as recordações legitimistas seguem-se umas apoz outras. Ahi está Bordeus, que deu o primeiro titulo ao conde de Chambord, e que nem já se lembra do seu querido duque! Teria mais pena de perder a companhia dos vapores transatlanticos que dali partem para o Brasil com escalla por Lisboa, do que teve quando Henrique v. deixou de assignar-se duque de Bordeus para tomar o titulo de conde da sua propriedade particular de Chambord.

Em Bordeus ha duas gares, uma de cada lado do rio, e em ambas se demoram os viajantes bastante tempo, até partir o ronceiro trem de Bayonna, que só no tempo dos banhos, sobe á cathegoria de trem expresso, graças á concurrencia do publico, e á visita annual que a familia imperial costuma fazer a Biarritz.

Eu ainda fui em diligencia de Bordeus a Bayonna em 1854, mas na volta de Madrid coube-me ser passageiro do primeiro trem que saiu de Dax para a capital do departamento da Gironda. Hoje já o ca-

minho de ferro chega a Bayonna ao sitio que chamão *Saint Esprit*, bifurcando-se alguns kilometros antes para os lados de Pau.

Nessa bifurcação nos deixou uma senhora russa que em Bordeus tomára o nosso wagon. Era uma velha, magra, com pretensões de formosa, fallando pelos cotovellos e dizendo sem que lhe perguntassem, que era princeza polaca. Nunca ouvi fazer elogios tão destemperados ao clima da Russia, e á civilisação e elegancia de Moscow. Dava vontade de ir para lá a quem não soubesse que os russos não fogem dali todos porque não pódem.

A paisagem, até Bordeus quasi sempre uniforme, e perto da cidade linda, como a de todos os paizes vinhateiros, é mui differente no trajecto para Bayonna atravéz das Landes, terreno pantanoso, em que o solo á força de grandes trabalhos, já vai dando alguns pinheiros. O terreno é chato e monotono. Alguns rebanhos, guardados por pastores com pernas de pau muito altas, são as cousas mais notaveis destas campinas, em que o imperador, o conde Walewski, e outras pessoas da côrte teem propriedades adquiridas e cultivadas com o intento de melhorar a condição agricola destas terras.

Ás 4 e meia da tarde de hoje cheguei á gare de Bayonna, onde me estava esperando o meu antigo amigo H. P., que da parte da sua sogra me convidou logo para jantar. Não aceitei para ter tempo de escrever. Vim para o hotel S.^e Etienne, e mandei

tomar bilhete para Madrid, para onde parto amanhã às 7 horas da manhã; escrevi estas linhas mui apressadamente, e agora vou agradecer o convite que não pude aceitar, e mandar visar o meu passaporte pelo consul de Sua Magestade Catholica.

IV

Entrada em Hespanha—A ilha dos Faisões—Alfandega diurna—O poder de um sobrescripto—A memoria do conde das Antas—Hernani—O General Maroto.

Burgos, 4 de março de 1861.

Terra de maravilhas é esta nossa península! E a Hespanha então, essa possui em subido grau a qualidade de andar ao revez de todas as demais nações! Aqui estou em Burgos, tão descansado como se tivera vindo á Hespanha só para vêr a cathedral, e para tomar informações ácerca do Cid e da sua aldeola de Bivar, que é perto desta cidade! Cheguei ás 4 e meia da tarde, e só partirei amanhã ás 10 horas da manhã.

Mas que tem a demora em Burgos, que pôde ser preguiça ou curiosidade minha, com as maravilhas hespanholas? Tem tudo. Esta demora é resultado da existencia de um traço de caminho de ferro que vae desta cidade á Valladolid e dalli á S. Chidrian! Em

todas as nações os caminhos de ferro encurtam as distancias, e abreviam as viagens. Em Hespanha é o contrario. Como ha caminho de ferro, atraza-se a viagem desasete horas e meia! Ora ahi está a maravilha, e não é pequena! O mais é que, em lugar de uma, são duas, como se vae vêr no seguimento desta narração.

Apenas chegado a Bayonna, não fui ver a cathedra, nem as margens do Adour, nem a cidadella. Esse tributo de innocente pasmaceira paguei-o da primeira vez, quando, em companhia de um cavalleiro portuguez, muito conhecido e excellente pessoa, vim de Paris a Madrid em 1854, para signal não havia ainda caminho de ferro de Bordeus até á fronteira, e tivemos que estar quatro dias nas margens do Garonna á espera de achar logar na diligencia.

Afinal, sempre descobrimos geito de dar comnosco na capital de Hespanha, depois de passarmos inelencias por esses caminhos, e aqui me deixou o meu compatriota para partir para Portugal, onde por tal modo se esqueceu deste seu humilde servo, que nem, quando no anno passado estive em Lisboa doente, se lembrou do seu companheiro de viagem, que todavia, lhe déra sempre provas de amizade. Paciencia. Não lhe quero mal por isso.

Voltemos a Bayonna. Não fui, pois, ver os monumentos. Dirigi-me ao escriptorio das mala-postas, e pedi um logar. Deram-mo; mas, quando chegou

a minha bagagem, declararam que excedia o pezo legal, e puzeram-me no andar da rua. Fui ás diligencias do norte, que mui injustamente gozam fama de melhores, porém, um chuveiro de belgas tinha tomado todos os logares. Atravessei a rua, e comprei bilhete nas diligencias de Victoria, que são, a todos os respeitos, magnificas.

Ali soube que partiriamos no dia seguinte ás 7 da manhã, e que nos demoraríamos em Burgos desasete horas e meia, para esperar a partida do caminho de ferro no dia seguinte. Não me pude conter que não dissesse ao homem que vendia os bilhetes, que, a termos de esperar tanto em Burgos, melhor fôra sair de Bayonna 15 ou 16 horas mais tarde. A isto me respondeu o tal sujeito que não podia ter logar o meu alvitre, porque a alfandega hespanhola de Irun não revistava as bagagens de noite.

Ahime lembrei logo do — *El señor esta en cama* — com que em Vigo tive de perder vinte e seis horas ao chegar de França em junho do anno passado, e segunda vez inclinei profundamente a minha cabeça que começa a estar calva, diante da placidez e commodidades hygienicas dos empregados das alfandegas hespanholas. Eu não sabia que a culpa não era delles, e que esta singularidade provinha de categorias mais elevadas.

No hotel Saint Etienne deram-me um excellente jantar e um quarto magnifico, e eu fui passar o resto da noite até ás 11 horas com a familia do meu

amigo H. P. Ali conversamos muito acerca de um projecto, que tem ha muitos annos, de estender até Lisboa uma linha de paquetes, que por conta delle já navegam nas costas do norte de Hespanha. O trajecto marítimo seria mais curto do que o de Bordeus e de Saint Nazaire, e os fretes de Lisboa a Paris muito mais baratos. As obras com que cada anno se vae melhorando o porto de Bayonna facilitam cada vez mais a execução desta idéa, e é natural que mais tarde o imperador, em uma das suas viagens a Biarritz e ás Landes, se resolva a dar protecção e impulso á empreza.

Bayonna deve para o futuro ser uma terra muito importante, quando a exportação hespanhola acudir ali em grande quantidade para se repartir nas duas linhas do meio-dia da França e de Bordeos. Hoje não pôde colher esse beneficio, e, pelo contrario, o caminho de ferro que liga Bayonna com a capital da Gironda, tem sido mais proficuo a esta cidade do que á outra. Prejuizo momentaneo a que estão reservadas grandes compensações.

Quanto á cathedral, pela qual estou vendo que muitos perguntarão, só posso dizer-lhes que ha sete annos que a não vi, e que tenho a cabeça tão recheada de cathedraes que andei a vêr com curiosidade e paciencia de brasileiro, que receio descrever a de Toledo ou a de Colonia, se me resolvo a dar informações acerca da de Bayonna.

Bom é, todavia, que os leitores saibam que se na

igreja matriz de Caminha ha uma figura de homem cuja postura a decencia me veda descrever, no claustro ou crasta da cathedral de Bayonna ha uns relevos representando os peccados mortaes que eu não gostaria que minhas filhas vissem. Ingenua simplicidade dos costumes de outras éras, que talvez fossem menos corrompidas do que a nossa!

O leitor curioso de noticias archeologicas pôde encontrar o que deseja, e que eu tenho o mau gosto de não lhe offerecer, em qualquer guia do viajante. Ali verá uma descripção minuciosa, escripta por quem nunca viu o monumento, copiada de alguma mais antiga, que já fôra tambem trasladada de outra escripta originalmente em latim, e posta em vulgar por um erudito frade de Strasburgo, que nunca viera a Bayonna, mas que tivera um irmão que passára uma vez a vinte leguas de distancia.

Se, cotejando a descripção com a cathedral, não ficar satisfeito, contente-se ao menos com a idéa de que se a igreja não é agora, como diz o livro, talvez o fosse em outro tempo, e se o não foi, podia tel-o sido, o que já não é pouco. Eu que não gosto de perder illusões, acredito nos guias como nos livros de fé, e nunca faço ao author o grave insulto de ir verificar o que elle diz. Está em letra redonda, e isto me basta.

Às 7 da manhã do dia 3 parti de Bayonna, e depois de ter mostrado o meu passaporte em Behovia ao commissario de policia francez, e do outro lado

da ponte do Bidassoa a um carabineiro hespanhol, que o leu muito attentamente, apesar de o ter na mão voltando de pernas para o ar, cheguei a Irun ás 10 horas e meia, não sem deitar uma vista de olhos áquella celebre ilha dos Faisões, onde Lopes de Haro e Mazarino contratáram cousas que a nossa valentia, ajudada de bons amigos, soube inutilisar completamente.

Ao passar a ponte, busquei com attenção a tal ilha, porque ali acabou para nós o alliança franceza e d'ali nasceram as mui justificadas razões da alliança ingleza. Foi ali que o cardeal Mazarino, renegando a politica de Richelieu, nos mandou pentear bugios, o que não é insulto, segundo explicou em uma carta o cavalheiro de Oliveira, mas tambem se não pôde chamar fineza nem protecção.

É certo que nós, em vez de irmos pentear monos, penteamos á escopeta e á espada os castelhanos no Alemtejo, e em 1668 achamo-nos senhores da nossa casa, sem que nação alguma nol-a disputasse. Pela parte que nos tocava, os pactos da ilha dos Faisões foram comedia que não foi á scena, e que o proprio Mazarino não contava que chegasse a representar-se. Em Villafranca estipulou-se a restauração de principes, que ninguem podia restaurar. No Bidassoa contratou-se a exautoração do novo rei de Portugal, que ninguem pôde fazer descer do throno. Altos mysterios da diplomacia, que faz d'estas comedias sempre que encontra occasião!

A ilha dos Faisões está hoje reduzida a tres ou quatro metros de comprimento, e a um ou dois de largo. O Bidassoa, pouco reverente para com aquelles torrões historicos, foi comendo da ilha como se fosse uma terra ordinaria, porém os hespanhoes vão formal-a de novo com um paredão contornado, conforme um desenho da época, e cheio de terra para restituir a ilha ao seu estado primitivo. Nunca as mãos lles doam por esta restauração historica, que não tem os inconvenientes das restaurações politicas.

De Bayonna até Irun o typo da raça hespanhola começa a predominar. A transição póde dizer-se que principia em Bordeus e no meio-dia da França. Na fronteira a raça hespanhola é tão legitima em Hespanha como em França.

Em Irun nova apresentação de passaporte, e revista da alfandega. Em quanto se descarregavam as bagagens, e se iam chamar os empregados, que estavam talvez almoçando, entrei na casa da alfandega e li duas papeletas que estavam dependuradas na parede, e mettidas em um caixilho de pau, sem vidro.

Uma dizia que os viajantes deviam pagar direitos de tudo quanto trouxessem, excepto das *prendas de vestir* com signaes manifestos de terem sido usadas. Eu, que trazia uma casaca que nunca vestira, umas navalhas de barba novas, uns sapatos de verniz que não calcára em Paris, duas pastas com papeis, feitas expressamente para a viagem, um guarda-chuva

que nunca se molhára, e um chapéo novo, fiquei a tremer, principalmente observando que tão severa disposição tinha a data bastante recente de 9 de agosto de 1860.

Quando os passageiros da diligencia começaram a abrir os bahús, vi que a tal papeleta não era letra morta. Uma senhora, que trazia dois vestidos de seda, com que affirmava ter ido duas vezes á opera e a bailes em Paris, teve que pagar 40 % *ad valorem*, arbitrando-se cada um dos vestidos em 300 francos. Ahi foi humano o coração dos empregados, porque os vestidos valiam mais de 1,000 francos cada um.

Chegou a minha vez. Abri a mala e esperei com anciedade as determinações d'aquelles senhores. Por felicidade minha, o author da *Betise Humaine*, Mr. Jules Noriac, tinha-me dado um maço com livros para eu mandar de Madrid a Sua Alteza o duque de Montpensier, e esse maço, com sobrescripto ao principe, tendo chegado a minha casa á ultima hora, ficou na parte superior da mala. O nome do augusto cunhado da rainha foi a minha salvação. A alfandega absolveu-me de toda a suspeita de contrabandista, e teve rasão, porque eu nem charutos trazia, e tive de os comprar em Irún.

Bom foi que assim acontecesse, porque estava resolvido a não pagar 40 % do valor da minha roupa nova, e se fosse necessario, deixal-a-ia lá, e viria para Madrid em mangas de camisa.

A segunda papeleta era copia de um officio de D. Romualdo Lopez Ballesteros em resposta a uma representação da alfandega de Irun. Perguntára esta se podia, para maior commodo dos passageiros das diligencias, revistar as bagagens de noite. Respondeu o sr. Ballesteros que o regulamento exigia que os trabalhos da alfandega se fizessem de *sol a sol*, e que devia cumprir-se, excepto com os viajantes da mala-posta. Esta sabia resposta tinha tambem a data de 9 de agosto de 1860.

Já se vê, pois, que, se eu fico hoje em Burgos desasete horas e meia, não é por culpa dos pobres empregados da alfandega de Irun, como eu euidára em Bayonna, mas sim por ordem muito positiva do sr. D. Romualdo. Não tenho a honra de conhecer este defensor severo da lei stricta, este mantenedor da visita de sol a sol, e do privilegio das malas-postas; porém isso não impede a manifestação do meu reconhecimento, não pela demora, que é quesilenta, mas pelas pragas que lhe vieram rogando os meus companheiros de viagem, durante algumas horas de caminho, e que foram para mim de grande divertimento.

Em toda a Europa as alfandegas despacham os viajantes á hora em que elles chegam. Em Hespanha não. E, quando as linhas dos caminhos de ferro estiverem completas e em exercicio, continuará ainda a vigorar o tal regulamento, que dá á visita da alfandega a categoria de certos actos judiciaes que se